RELATÓRIO METODOLOGIAS EDUCACIONAIS

Raquel Arouca



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

MODELOS DE FORMAÇÕES

- 1. ComVivência Pedagógica
- 2. Jornadas de Aprendizagem
- 3. Projeto
- 4. Oficina de Futuro
- 5. Oficinas A Rocha Brasil Mobilização da igreja evangélica
- 6. MJPoP Mobilização de Adolescentes e Jovens
- 7. Campanhas Mobilização jovem
- 8. Encontros de saberes Mobilização de mulheres
- 9. Café Socioambiental para Pastores (as)

FONTES CONSULTADAS

SUGESTÕES DE RECURSOS

INTRODUÇÃO

Encontros para a transformação

Encontro, por definição o "ato de encontrar-se".

Usamos o termo "encontro" porque mais do que informar desejamos que os formatos de formações aqui sugeridos sejam espaços educativos que o(a) educando(a) descubra- se na relação consigo mesmo, com o outro e com a natureza. E que neste "encontrar- se" ele se deixe afetar a ponto de ocorrer mudanças internas que refletirão em mudanças externas.

O que leva um sujeito a adotar hábitos mais sustentáveis? Cremos que a resposta não é somente pela informação (razão), mas porque sua ação foi impulsionada por seus desejos (emoção). E qual foi a causa primeira do seu desejo de mudança de hábito? O desafio das formações transformadoras é justamente trazer à tona em cada educando(a) aquilo que lhe motiva a ponto de gerar mudanças.

Entre os cristãos já existe um referencial para a prática, uma regra de fé: as verdades bíblicas e o exemplo de Jesus Cristo. Contudo, muitos ainda não transformaram sua fé em ação quando a questão é ambiental. Desta forma, em qualquer que seja o formato da formação é necessário incluir, logo no início, a base bíblica sobre o cuidado da criação.



Independente do formato da formação, recomenda-se também trabalhar as questões abaixo antes, durante e após os processos formativos:

- 1. Por que o tema ou assunto em questão necessita ser abordado? Ou seja, esse assunto é importante para a minha sobrevivência e motiva minha ação?
- 2.0 que conhecemos e o que ainda precisamos conhecer a respeito do tema ou assunto em questão?
- 3. Existe algo que articule todos os envolvido em uma ação coletiva?
- 4.0 que podemos realizar de imediato e o que planejar para ações de médio e longo prazo?

Tais questões propiciarão a reflexão e auto-reflexão crítica sobre: o que, o porquê, o como e o quando desejamos transformar.

Além disso, as propostas de eventos formativos aqui sugeridos partem do pressuposto que serão realizadas no formato "Pessoas que aprendem Participando" (PAP) e que, portanto:

- a) Adotarão princípios e valores que apontem para um futuro sustentável. Aqui a religião será um importante instrumento orientador do que se espera para as relações entre os seres humanos, que por sua vez afetarão diretamente as relações destes com a natureza; e importante instrumento também para embasar o reconhecimento da natureza como um ser vivo a ser cuidado.
- b) **Terá seu próprio território como ponto de partida**. A formação deve salientar a importância de o participante primeiro pensar e atuar a partir do local em que habita para então transpor isso para o planeta como um todo.
- c) **Pessoas aprenderão participando**. Permitir que a formação seja um espaço democrático, que gere no participante o sentimento de pertencimento e assim possa aprender a descobrir, compreender e analisar a realidade e repassar adiante o conhecimento adquirido.



- d) **Programa de formação**. Além de oferecer informações, a formação deve propor também atividades que afetem, toquem o participante: atividades brincantes, atividades que tragam à memória sua história, atividades que desenvolvam seu sentido lúdico, afetivo e estético. O programa também deve ser regional, buscando sempre contextualizar o tema da formação e trazer à tona conhecimentos populares locais sobre ele.
- e) Raiz do problema [1]. Independente do tema gerador da formação, é importante que ele seja abordado a partir de suas causas (raízes) e efeitos, e que sejam identificados os fatores que precisem ser abordados ou considerados para que o problema possa ser resolvido.
- f) **Avaliação**. Formação deve ser avaliada por todos os envolvidos durante e após sua realização.

O primeiro modelo de formação, a "ComVivência Pedagógica", é desenvolvida a partir de cinco princípios formativos que seria importante ser referência também a todos os demais modelos:

- Desestabilização criativa
- Reflexão crítica
- Indignação ética
- Postura conectiva
- Intencionalidade transformadora

MODELOS DE FORMAÇOES

1. ComVivência Pedagógica [2]

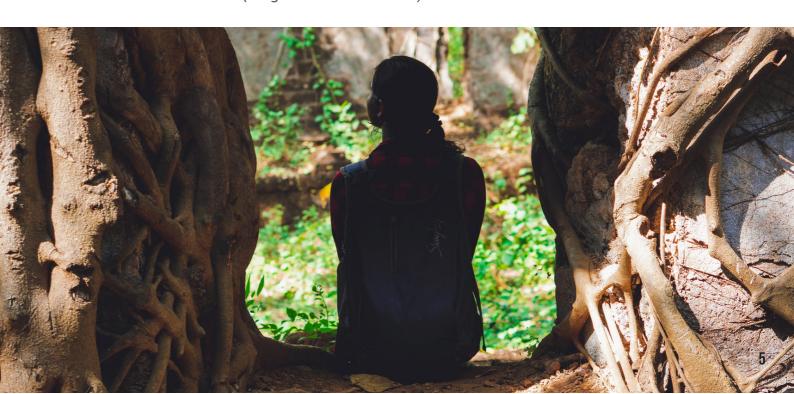
Público: todos

Formato: presencial

Proposta teórico-metodológica do grupo GEPEADS/UFRRJ, liderada pelo professor Mauro Guimarães. A proposta tem sido desenvolvida com educadores ambientais em formação, em espaços revelados formativos, notadamente em comunidades indígenas. As experiências de "ComVivência Pedagógica" em contextos interculturais, tem se mostrado uma possibilidade formativa capaz de oferecer ao sujeito alternativas para um reencontro com o natural, da mesma forma que oportuniza a construção de conhecimentos empíricos, através das observações e interações no espaço proposto.

O grupo tem pesquisado ambientes educativos e o processo formativo que possam propiciar *experiências significativas*, promovidas por convivências de práticas imersivas individuais-coletivas em outros modos de vida (não apenas indígenas), baseadas em padrões relacionais e referências epistemológicas diferentes da modernidade.

Experiência significativa: "A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas. Porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece" (Jorge Larrosa Bondia).



As experiências de "ComVivência Pedagógica" têm sido construídas a partir de cinco princípios formativos provadores de reações. São eles:

- Desestabilização criativa: momentos de incertezas para abrir possibilidade do novo surgir. Atividades artísticas potencializam estes momentos;
- Reflexão crítica: construção de uma postura crítica, perante a realidade socioambiental, para que se consiga romper com a armadilha da racionalidade dominante. Vivenciar processos de opressão, exploração é diferente de compreender racionalmente tais processos.
- Indignação ética: o que me move a querer transformar o mundo, a querer me transformar?
- Postura conectiva: romper a ideia dicotomizada de entender e viver o mundo de forma separada e buscar a religação, o estabelecimento da relação com mundo a partir de um sentimento de sacralidade e reverência;
- Intencionalidade transformadora: estar aberto à transformação de forma intencional.

Etapas:

1. Processo preparativo para a imersão;

Nesta etapa, o grupo GEPEADS/UFRRJ realizou encontros com dinâmicas de grupo, oficina de introdução ao modo de ser indígena e seminários com especialistas (indígenas e não indígenas). Os encontros tiveram o objetivo de compreender a perspectiva da interculturalidade crítica, entender o modo de ser indígena (Guarani, por exemplo) e ampliar o conhecimento sobre as culturas indígenas.

- Imersão em outro modo de vida como um ambiente educativo proporcionando uma experiência vivencial;
 Aqui o grupo viveu alguns dias em uma tribo indígena e experienciou sua rotina, atividades e cultura.
- 3. Pós imersão: momento de reflexão, consolidação e trocas da experiência O grupo se reuniu para realizar um Seminário de Avaliação.

Descrição das etapas de desenvolvimento do projeto estão detalhadas no item ANEXOS do documento **Experiências de "ComVivência Pedagógica" a partir de outras epistemologias em processos formativos de educadores ambientais.** N.B., Granier. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2017.

A "ComVivência Pedagógica" acontece de uma forma mais radical em uma experiência imersiva em outro modo de vida, contudo, ela não é restrita a isso se os princípios mencionados acima forem levados em consideração em qualquer outro ambiente formativo:

"(...) o espaço educativo para a realização da "ComVivência Pedagógica", tem especial destaque na organização das experiências. Este precisa contribuir para o desvelamento e a percepção das implicações dos padrões hegemônicos na problemática socioambiental, desencadeando um movimento de desconstrução de sentidos em direção à construção de outros referenciais, para o estabelecimento de relações mais equilibradas entre seres humanos e destes com a natureza, num esforço de romper com o "agir no automático" da "armadilha paradigmática". Da mesma forma que este contexto vivencial, deve oportunizar a experienciação do sentimento coletivo entre os participantes, que construído na amorosidade, promove interações dialógicas e solidárias, que poderão facilitar o estabelecimento de um movimento sinérgico e o desencadear de ações cooperativas. Este ambiente educativo pode ser pensado a partir de diferentes possibilidades, contanto que ele seja formativo. Ou seja, é fundamental que tal ambiente propicie condições materiais e subjetivas necessárias, para que estas novas relações se efetivem na vivência. Para que os educadores possam levar consigo esta experiência formativa, como possibilidade de intervenções pessoais e profissionais, considerando que estas dimensões não se dicotomizam nos espaços onde interage. (Granier, 2017)"

Uma opção à experiência imersiva é trazer para dialogar com o grupo membros de comunidades que tenham este outro modo de vida. Isso pode ocorrer em um ambiente presencial ou virtual. Há ainda a possibilidade de conhecer o espaço onde esta pessoa vive por meio de um tour virtual por sua comunidade.

Um acampamento também não deixa de ser uma experiência imersiva, onde o participante é retirado de sua zona de conforto (casa, rotina, cama, comida, cidade, família, etc) e inserido por alguns dias em outro espaço diferente do urbano, em contato intensivo com pessoas que não são de seu convívio/cultura, em contato intenso com a natureza, experienciando outro tipo de alimentação, participando de atividades que não lhe são usual.

Em um espaço urbano, os parques e bosques podem ser utilizados como ambientes formativos, uma vez que colocam o participante em contato com o meio natural e desta forma podem provocar nele reflexões e conexões. O número reduzido e o abandono de parques e bosques no meio urbano já é em si um ponto de reflexão crítica sobre nosso próprio modo de vida e planejamento das cidades.



2. JORNADAS DE APRENDIZAGEM [3]

*** Aqui a sugestão é a IRI Brasil propor a realização da Jornada em parceria com o The Climate Reality Project Brasil. Um dos objetivos do projeto é justamente promover a Jornada em diferentes espaços e para o máximo de pessoas possível.

Público: todos, mas especialmente os jovens pela dinâmica da formação

Formato: virtual, mas com possibilidade de ser realizada de forma presencial

O modelo aqui compartilhado tem como base a Jornada de Aprendizagem em Clima oferecida pela organização The Climate Reality Project Brasil de forma virtual: https://www.climaterealityproject.org.br/jornadas-pelo-clima

As Jornadas de Aprendizagem em Clima são um conjunto integrado e sequenciado de experiências que qualquer pessoa que se interesse pelo assunto climático ou deseja aprimorar o processo de aprendizado no mesmo pode trilhar. Elas têm como objetivo criar oportunidades lúdicas (Avatar, HQ, Quiz, Desafios e outros games para engajar) para que mais pessoas possam ser capazes de entender, falar sobre a crise climática, misturando atividades práticas com conhecimento científico. Ela estimula o protagonismo e a colaboração ao convidar os participantes a colocarem o conteúdo na prática em microprojetos relacionados a seus contextos e, após o encerramento, estimulando-os a se tornarem facilitadores da Jornada pelo Clima.

Metodologia

É ideal para ser implementada e apropriada por qualquer pessoa, ou grupo que deseje ampliar a diversidade das vozes climáticas, independente do seu conhecimento sobre Mudança Climática. O processo de aplicação da metodologia tem como objetivos:

- Estimular o protagonismo;
- Promover o engajamento;
- Oferecer conhecimento científico;
- Encorajar a multiplicação da Jornada.

Salas invertidas: visando acelerar e potencializar a aprendizagem, entre os módulos trabalha-se de forma assíncrona e de acordo com a disponibilidade do participante. Há breves missões de leituras, pesquisa, planejamento e tarefas individuais e em pequenos grupos.

Sessões ao vivo: as sessões online síncronas (todos juntos) são reservadas para a prática em grupo e discussões sobre conteúdo. Elas são uma experimentação intensa, com muitas interações rápidas e discussões vivas.

Parceiros: as Jornadas buscam conectar um grupo diverso que possa se apoiar usando toda a experiência e vivência pessoal e profissional, dúvidas, contatos etc. Para garantir que novas possibilidades emerjam potencializando o aprendizado de todos os envolvidos.

Microprojetos: o participante é convidado a desenhar e direcionar seu próprio aprendizado, criar um microprojeto que possa ser realizado e ir se expandindo com apoio de seu parceiro de jornada.

Percurso: As Jornadas de Aprendizagem Virtual em Clima acontecem numa sequência de encontros. Seu trajeto foi pavimentado de forma que o participante possa aproveitar a viagem de forma leve, contínua e segura. O participante e seus parceiros de jornada caminharão juntos a facilitadores que já fizeram este percurso e lhe apoiarão a cada etapa. Cada formato da Jornada pode ter duração única de acordo com a especificidade dos facilitadores e do público. De qualquer maneira, a metodologia que suporta as Jornadas Virtuais de Aprendizagem em Clima foi pensada para caber na rotina de trabalho, seja parcial ou integral e requer, em média 5 horas de dedicação semanais.

A Jornada pelo Clima é totalmente gratuita, formada por 5 encontros síncronos de 3 horas. Além dos encontros, são enviadas tarefas inter-encontros que são realizadas de forma assíncrona. Ao final, aos que concluem as tarefas obrigatórias, a Jornada oferece um certificado de 24 horas/aula.

3. PROJETO

Público: todos

Formato: presencial ou virtual

O projeto é uma prática participativa e problematizadora que tem como ponto de partida a realidade local, o cotidiano do(a) educando(a) ou de um grupo. É na realidade que se buscará levantar temáticas significativas (temas geradores) aos que participam do processo. Ele é uma oportunidade de enfrentarmos os problemas locais transformando a realidade e a nós, reciprocamente.

Após o levantamento dos temas geradores, o(a) educando(a) ou o grupo parte para a elaboração de um plano de ação em que se pensará as estratégias pedagógicas para eles serem trabalhados localmente, contudo, contextualizados globalmente.

PRIMEIRO PASSO:

conhecendo a realidade – levantar, coletivamente, informações, dados sobre uma área, situação ou realidade.

SEGUNDO PASSO:

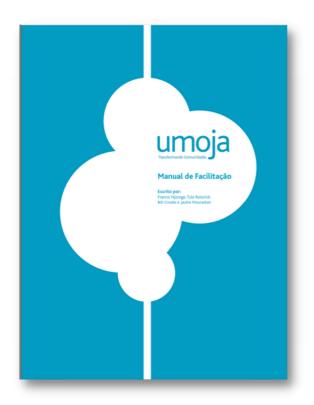
escolhendo o(s) tema(s) gerador(es) – destacar entre as muitas questões apresentadas aquela(s) que funcionará como eixo temático ou tema gerador do projeto.

TERCEIRO PASSO:

planejando as ações do projeto – quais atividades serão executadas? Quais conceitos/noções serão discutidos? Há necessidade de se trabalhar com o grupo "temas introdutórios" antes da execução do projeto? Qual o tempo de duração do projeto? Como o projeto será avaliado?

Para a etapa de construção do projeto os seguintes materiais são sugeridos:

- Gestão do Ciclo do Projeto, da organização Tearfund: material cristão evangélico. Disponível em: https://learn.tearfund.org/pt-pt/resources/series/roots-guides/project-cycle-management--a-roots-guide
- Manual de Facilitação Umoja, da organização Tearfund: contém estudos bíblicos, atividades, dinâmicas, ferramentas, orientações e um processo por etapas para ajudar a igreja e a comunidade a se inspirarem e começarem a trabalhar pela transformação em sua comunidade. Disponível em: https://learn.tearfund.org/ptpt/resources/tools-and-guides/umoja
- Manual de Coordenação Umoja, da organização Tearfund: oferece tudo o que uma organização ou igreja precisa saber para iniciar e administrar um programa Umoja em várias comunidades locais.
 Disponível em: https://learn.tearfund.org/pt-pt/resources/tools-and-guides/umoja
- Guia de elaboração de pequenos projetos socioambientais para organizações de base comunitária, do Instituto Sociedade, População e Natureza – ISPN. Disponível em: https://capta.org.br





4. OFICINA DE FUTURO [4]

Público: todos

Formato: presencial ou virtual

A Oficina de Futuro é uma técnica participativa utilizada para o levantamento de problemas e potencialidades de uma comunidade. Concebida e desenvolvida pelo Instituto Ecoar para a Cidadania, ela tem como objetivo sensibilizar e envolver a população em processos de resolução de problemas e tomada de decisões.

Trata-se de um espaço para se debater sonhos, problemas e ações conjuntas. As pessoas apontam os problemas que as afligem dentro do tema proposto, construindo seu "Muro das Lamentações" e a situação ideal desejada ao plantar sua "Árvore dos Sonhos".

A Oficina de Futuro é dividida nas seguintes etapas:

- Árvore dos Sonhos;
- Muro das Lamentações;
- História do Pedaço;
- Oficinas temáticas.

A oficina Árvore dos Sonhos tem sua origem no início da Eco 92, quando pessoas do mundo todo escreveram seus sonhos de futuro em papéis em forma de folhas. Essas folhas foram penduradas nos galhos de uma árvore gigante, que foi instalada na praia do Flamengo, no Rio de Janeiro, como símbolo de um futuro mais feliz para todos. Este é o momento em que os participantes são estimulados a imaginar com gostariam que fosse a sua rua, sua escola, sua cidade, o planeta. Estes sonhos são então, escritos, desenhado e/ou pintados e se transformam na árvore dos sonhos, montada coletivamente.



A oficina *Muro das Lamentações* remete ao monumento que fica na cidade velha de Jerusalém e é visitado até os dias atuais por peregrinos que vão colocar entre os vãos das pedras seus bilhetinhos com seus sonhos e sofrimentos. Este é o momento em que os participantes são estimulados a expressar tudo aquilo que não gostam, que os incomoda ou atrapalha sua qualidade de vida e, assim, é construído o Muro.

A História do Pedaço é a recuperação da memória da comunidade, que pode ser feita de diversas maneiras: entrevistas, fotos antigas, notícias antigas, etc. Conversando com as pessoas mais antigas do bairro, procurando as associações, escolas, igrejas como fontes de informação. Coletando qualquer tipo de material que possa ajudar a remontar a História do Pedaço. É o momento de entender que os problemas existentes hoje tiveram uma origem que, se identificada, nos ajuda resolvê-los definitivamente. Ao final, é organizada uma exposição com as informações coletadas (textos, fotos, etc) para que a comunidade conheça o resultado da atividade, que é justamente um resgate da sua história.

Posteriormente o grupo trabalha teoricamente soluções para os problemas apontados, tentando aproximar-se da situação ideal desejada e estabelecendo uma agenda de compromissos do grupo para com o Pedaço. Desta forma, fomenta-se o sentido de "pertencimento" dos participantes em relação à região onde vivem, trabalham, têm seus filhos, seus amigos, seus problemas e suas alegrias.

As oficinas são entendidas como forma de produção coletiva do conhecimento, partindo-se do princípio de que todos e todas têm a aprender e a ensinar, de maneira diferenciada, constituindo-se no conjunto central que deve apontar para o cumprimento dos objetivos do grupo. O trabalho com os grupos nas Oficinas de Futuro aponta quais os temas mais relevantes para cada comunidade e as condições que cada grupo tem para enfrentá-los.

5. OFICINAS A ROCHA BRASIL — MOBILIZAÇÃO DA IGREJA EVANGÉLICA

Público: todos

Formato: presencial

As oficinas da extinta organização ambiental A Rocha Brasil (ARB) eram parte integrante do seu Programa de Educação Ambiental e Mobilização Social nas Igrejas Evangélicas Brasileiras que tinha como objetivo desenvolver o potencial estratégico das igrejas na implantação de projetos socioambientais.

Segundo o IBGE, os evangélicos correspondem a mais de 21% da população e estão inseridos nos diferentes grupos sociais e regiões geográficas do país. O número de templos evangélicos existentes, de todas as denominações, permite uma capilaridade e cobertura de todo o território nacional. Diferente das escolas, que vêm sendo utilizadas amplamente para disseminar os

21%
DA POPULAÇÃO SÃO EVANGÉLICOS

princípios e práticas da educação ambiental e que contam com um público-alvo restrito com relação à faixa etária, as igrejas reúnem vários grupos etários e sociais. A identificação se dá, acima de tudo, não pela origem, idade, formação ou história de vida dos membros do grupo, mas pela fé que compartilham. Sem dúvida, as igrejas constituem um importante e novo espaço para se trabalhar a educação e ação ambiental. Já existe um referencial para a prática, uma regra de fé: as verdades

bíblicas e o exemplo de Jesus Cristo. O estímulo à reflexão, ao questionamento e ao resgate dos princípios cristãos pode impulsionar um novo caminhar.

Metodologia

Com o apoio de organizações e de projetos já atuantes localmente, identificou-se dentro das igrejas ou comunidades cristãs líderes representantes de diferentes grupos sociais, comprometidos com a Missão Integral e com interesse e afinidade aos temas socioambientais. Eles foram convidados para participar do Programa que se dividiu em três etapas:

- Sensibilização, Formação e Capacitação: encontros participativos locais com oficinas (descrição abaixo);
- Monitoramento: manutenção do contato com a liderança envolvida para colaborar na implantação de programas em parcerias com as igrejas locais;
- Avaliação: avaliação das ações e programas implementados e também do formato do Programa proposto pela organização.

Oficinas

As oficinas (8h) trataram inicialmente dos seguintes temas: Mordomia da Criação; Problemas Ambientais Locais; Mudanças Climáticas; Sociedades Sustentáveis. Tais temas foram compartilhados de forma expositiva por meio de palestras, vídeos e rodas de conversa. E foram realizadas com a utilização de metodologias participativas: DRP (Diagnóstico Rápido Participativo6) e PP (Planejamento Participativo7).

Logo no início da oficina os participantes preenchiam um formulário denominado "Levantamento Prévio" que buscava identificar os conhecimentos prévios que os mesmos já possuíam sobre as temáticas que seriam abordadas, sobre os seus territórios (problemas ambientais), o quanto eles estavam sensibilizados pela temática, seu interesse pela temática e conhecimento bíblico sobre o cuidado da criação. Após a oficina, os participantes preenchiam o mesmo documento, mas agora denominado "Levantamento Posterior", para se identificar o impacto da formação e mudanças no perfil do participante, caso houvesse.

Nesses encontros foram entregues, gratuitamente, a cada participante, os seguintes materiais de apoio: roteiros de estudos bíblicos sobre a mordomia da criação (ARB); Livro Jesus e a Terra (Editora Ultimato e ARB); Guias PILARES – Preparando-se para Emergências e Alimentação Saudável (Tearfund); CD Rom Passo a Passo (1-65) (Tearfund); DVD com a experiência do Projeto Reação (Ig. Metodista Livre/Saúde, SP) e mensagens do Pastor Ariovaldo e da Senadora Marina da Silva (ARB); e folhetos Meio Ambiente – você está no meio (ARB).



A ênfase do programa foi a participação ativa da comunidade envolvida, de forma a contribuir com o empoderamento das pessoas, por isso a capacitação da liderança em metodologias participativas. A Rocha Brasil não definiu um programa modelo, mas estimulou o seu surgimento e implantação segundo a demanda apresentada pelas diferentes comunidades atingidas. Esperou-se que os projetos fossem desenvolvidos a partir de problemas concretos, e caminhassem para a resolução dos mesmos por meio do envolvimento e da mobilização da comunidade local.

O Programa pretendeu estimular a troca de experiências entre os líderes e entre as comunidades atingidas. Em longo prazo, pretendeu-se também organizar pequenos eventos com a participação de representantes das comunidades que possuem projetos em andamento, como forma de ampliar e compartilhar as diferentes experiências vivenciadas.

Cada projeto a ser desenvolvido, sob a coordenação dos líderes, esteve ligado a uma igreja local de forma a garantir sua continuidade e sustentabilidade. Após ou durante o desenvolvimento do programa, as igrejas podiam se associar ao Programa de Educação Ambiental da A Rocha Brasil, que tinha amplitude nacional, por meio do qual poderiam continuar a receber material e apoio local por meio dos voluntários da organização e de outros parceiros.

6. MJPOP - MOBILIZAÇÃO DE ADOLESCENTES E JOVENS [5]

Público: adolescentes e jovens

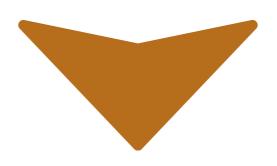
Formato: presencial

O MJPoP (Monitoramento Jovem de Políticas Públicas) prepara adolescentes e jovens para protagonizarem processos políticos, identificando os problemas de suas comunidades e propondo soluções por meio de um plano de ação que mobiliza diversos atores sociais a fim de que as políticas públicas sejam efetivadas e os direitos garantidos.

A metodologia MJPOP se divide em três fases:

A PRIMEIRA É A DE PREPARAÇÃO E MOBILIZAÇÃO

Nela, os adolescentes e jovens são sensibilizados e convidados a tomar parte no grupo de trabalho (GT). Uma vez dispostos a atuar para a melhoria da qualidade de vida no local, devem escolher qual serviço público vão monitorar bem como mapear os possíveis parceiros locais. Depois, o GT levantará as informações necessárias para a mobilização. Realizam um Diagnóstico Rápido Participativo (DRP) com os moradores a fim de perceber qual a visão deles sobre o serviço público em questão, articulando com os direitos dos moradores e o orçamento público destinado para a efetivação do serviço;



A SEGUNDA FASE É A DE FORMAÇÃO

Adolescentes e jovens são capacitados nos temas já definidos e participam de oficinas com outras temáticas necessárias a cada contexto. Além disso, eles organizam um seminário sobre a política pública que será monitorada, no qual são envolvidos os diversos atores sociais presentes na comunidade (moradores, lideranças, prestadores de serviços etc). Dessa forma, a comunidade passa a ter uma maior compreensão da política pública em questão, toma consciência dos seus direitos e é sensibilizada para agir a fim de que eles sejam plenamente garantidos;

A TERCEIRA FASE É DESTINADA A ELABORAR E EXECUTAR O PLANO DE AÇÃO

Uma vez que os atores locais se sensibilizaram para a necessidade de atuar politicamente, os adolescentes e jovens convocam as reuniões comunitárias, em que apresentam para todos os interessados dados que foram obtidos durante o DRP e pesquisas realizadas junto aos órgãos púbicos. Assim, todos tomam consciência dos seus direitos e de como esses estão sendo negligenciados na prática. Em seguida, os adolescentes e jovens dividem os participantes em grupos focais para que se promova uma verdadeira avaliação desses serviços e propõem a criação de um plano de ação, que será construídocoletivamente e comprometerá a própria comunidade na luta pela transformação da realidade diagnosticada. O GT deverá, a partir de então, animar e apoiar os comunitários no que for preciso para a execução do plano que eles mesmos construíram com o objetivo de melhorar a qualidade do serviço público. É importante que o plano seja divulgado amplamente para que todos se engajem no processo e a mobilização social fique ainda mais fortalecida;

POR FIM, A ÚLTIMA FASE É A DE PRESTAÇÃO DE CONTAS.

Uma vez executado o plano de ação, é hora de dialogar em diversos níveis para avaliar os resultados. Primeiro, é fundamental um diálogo interno, no qual o GT e os representantes das organizações parceiras avaliam como foi a condução do processo. Depois, um diálogo aberto entre o GT e a comunidade, a fim de verificar como se deu a execução do plano, o que realmente funcionou e o que é preciso melhorar nas próximas intervenções. Além disso, é preciso estimular uma prestação de contas por parte do poder público para a comunidade. A partir dessas reflexões e das conclusões que forem obtidas, a comunidade ajudará o grupo de jovens a saber quais os rumos que deverão ser tomados.

O mais importante no MJPOP é que o processo é protagonizado por adolescentes e jovens, mas eles não fazem o monitoramento sozinhos. A comunidade é chamada a se integrar com eles em todas as quatro fases da metodologia. Assim, ela passa a se reconhecer como agente de sua própria transformação.

Manual "Monitoramento Jovem de Políticas Públicas - MJPOP", da Visão Mundial. 2010. Disponível em: https://transforma.fbb.org.br/storage/socialtecnologies/21 6/files/Cart_Manual_15x21 cm_100910.pdf

7. CAMPANHAS — MOBILIZAÇÃO JOVEM

Público: adolescentes e jovens

Formato: presencial ou virtual

Considerando a agilidade dos jovens com as mídias sociais e sua ânsia em "colocar a mão na massa", a sugestão aqui é envolvê-los em uma formação que os provoque e os instrumentalize para a posterior construção de campanhas virtuais.

PRIMEIRO PASSO: OFICINAS TEMÁTICAS

com especialistas que conseguem traduzir a linguagem cientifica/acadêmica para uma linguagem jovem. Os(as) educandos(as) podem escolher previamente os temas ambientais que lhe são pertinentes considerando suas próprias realidades ou então o evento já ter um tema gerador fixo e mais global (por exemplo: mudanças climáticas, florestas, etc).

SEGUNDO PASSO: ENCONTROS IMERSIVOS

presenciais ou virtuais (diálogo com um membro da comunidade e tour virtual pelo espaço onde vive), com comunidades/grupos que são diretamente afetados pelo problema ambiental discutido no passo anterior.

TERCEIRO PASSO: CONSTRUÇÃO DE CAMPANHAS

para as redes sociais sobre a temática abordada na formação a partir de ferramentas que já lhe são conhecidas e com a mentoria de um especialista em mídias sociais.

QUARTO PASSO: VEICULAÇÃO DA CAMPANHA

nas redes sociais da organização do evento.

8. ENCONTROS DE SABERES — MOBILIZAÇÃO DE MULHERES

Público: mulheres

Formato: presencial ou virtual

Pesquisa Akatu 2018 mostrou que o segmento de consumidores mais conscientes ("engajados" e "conscientes") é majoritariamente feminino. Em 2020, um estudo global sobre igualdade de gênero feito pelo Facebook, em parceria com o Banco Mundial, ONU Mulheres, *Ladysmith e EqualMeasures 2030*, confirma que as mulheres mantêm o maior poder de decisão sobre as compras e afazeres domésticos. Tais pesquisas apontam o que já se sabe desde muito tempo: mulheres têm mais consciência ambiental. A pergunta é: como potencializar suas ações, como conectálas com outras e como conectálas com as possíveis soluções para desafios ambientais globais? Sugestão: promover o encontro destas protagonistas para trocas, diálogos e conexões.

PRIMEIRO PASSO:

Encontros (virtuais ou presenciais) para trocas de saberes e ações entre mulheres de diferentes localidades, modo de vida, crenças e idades. A sugestão para um primeiro Encontro é que ele seja um espaço de escuta, onde as mulheres possam compartilhar suas vivências e experiências no cuidado da natureza em seus espaços (lar, trabalho, escola, etc). Uma roda de conversa e a presença de uma mediadora atende o objetivo deste primeiro Encontro. Neste mesmo Encontro ou em um segundo, as mulheres são convidadas a planejarem o Encontro com especialistas, isso faz delas parte ativa da proposta e não somente ouvintes.

SEGUNDO PASSO:

Encontro do grupo com especialistas (presencial ou virtualmente) para potencializar as ações/iniciativas sustentáveis que elas já executam em seus ambientes (casa, trabalho, escola, etc) e conectá-las com os temas globais. Por exemplo, encontro com especialistas em hortas urbanas, compostagem, criação de abelhas nativas, cosméticos naturais, etc. Em um primeiro momento este encontro será para potencializar as ações/iniciativas das mulheres participantes. E em um segundo momento para mostrar a elas o impacto positivo que suas iniciativas têm em um problema em uma escala maior, por exemplo: extinção das abelhas, aquecimento global, desmatamento, etc.

TERCEIRO PASSO:

Desafiar as participantes a serem agentes multiplicadoras de suas ações/iniciativas para além de seus ambientes (casa, trabalho, escola, etc) por meio de mentorias (presenciais ou virtuais). Aqui as participantes são desafiadas a mentorear outras mulheres ao seu redor.

9. CAFÉ SOCIOAMBIENTAL PARA PASTORES (AS)

Público: lideranças espirituais (pastor/a, reverendo/a, bispo/a, etc)

Formato: presencial

Este é mais um evento utilizado pela A Rocha Brasil, desta vez para alcançar a liderança da igreja local. O Café foi proposto depois que foi observado que a liderança local não comparecia às oficinas.

Como o próprio nome diz, A Rocha Brasil convidava de forma intencional pastores e pastoras de igrejas locais para um café da manhã ou da tarde. De forma estratégica, a organização oferecia uma mesa farta e a mensagem bíblica sobre o cuidado da criação era realizada por um pastor (homem) conhecido. Após a mensagem bíblica era realizada uma roda de conversa sobre o tema: sua relevância, aplicabilidade nas igrejas, desafios e possíveis ações. Entre os convidados tinha-se também o cuidado de convidar alguma igreja já sensibilizada e atuante na temática para compartilhar suas experiências e inspirar as demais igrejas presentes.

O Café Socioambiental para Pastores(as), além de trazer pela primeira vez o tema para muitos pastores, foi um espaço para os líderes já sensibilizados e mobilizados se encontrarem e compartilharem suas experiências práticas no cuidado com a criação. Boas experiências práticas foram compartilhadas e identificadas, contribuindo para a motivação da liderança ainda não comprometida.

FONTES CONSULTADAS

Educação ambiental e os processos formativos em tempos de crise. M., Guimarães; N.B., Granier. Revista Diálogo Educacional, [S.l.], v. 17, n. 55, p. 1574-1597, dez. 2017.

Encontros e caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores. L.A. (Org.), Ferraro Júnior. MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005.

Encontros e caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores. Volume 2. L.A. (Org.), Ferraro Júnior. MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2007.

Encontros e caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores. Volume 3. L.A. (Org.), Ferraro Júnior. MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2013.

- [2] Experiências de "ComVivência Pedagógica" a partir de outras epistemologias em processos formativos de educadores ambientais. N.B., Granier. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2017.
- [3] Jornada de Aprendizagem em Clima, oferecida pela organização The Climate Reality Project Brasil e disponível em: https://www.climaterealityproject.org.br/jornadas-pelo- clima

SUGESTÕES DE RECURSOS

A alegria de brincar com a natureza: atividades na natureza para todas as idades. CORNELL, Joseph. São Paulo: Companhia Melhoramentos: Editora SENAC São Paulo, 1997.

Brincar e aprender com a natureza: um guia sobre a natureza para pais e professores. CORNELL, Joseph. São Paulo: Companhia Melhoramentos: Editora SENAC São Paulo, 1996.

Cartilha cuidando da criação - Crianças de 7 a 12 anos. Cinthia Vieira Brum Lima; Raquel Arouca: Editora Batista Independente, 2016. Disponível em: https://49cfd503-f101-4c46-8002-e2947db04600.filesusr.com/ugd/85995d_aed9197bef914593b8fcd50333f7aa2e.pdf

Cartilha cuidando da criação – Material de Apoio para Educadores. Andrea C. M. Ramos Santos, Nathalie Cristina Wutzki, Cinthia Vieira Brum Lima: Editora Batista Independente, 2015. Disponível em: https://49cfd503-f101-4c46-8002-e2947db04600.filesusr.com/ugd/85995d_617a7064b47d4e5182cff6e0f1f1 037f.pdf

Curso de Mudanças Climáticas pelo Professor Carlos A. Nobre. Disponível em: https://impactoclima.ufes.br/conteudo/material-didatico

[6] **Diagnóstico Rural Participativo: um Guia Prático**. Secretaria de Agricultura Familiar - SAF/MDA, 2011. Disponível em: http://jararaca.ufsm.br/websites/deaer/download/VIVIEN/Texto01/Manual-DATER.pdf

Educando na natureza. Instituto Ecofuturo (Org.). São Paulo: Ecofuturo, 2018. Disponível em: http://www.ecofuturo.org.br/wp-content/uploads/2018/07/Educando-na-Natureza.pdf

Facilitando Oficinas da Teoria à Prática. Janet Honsberger; Linda George. Editora Gets, 2002. Disponível em: http://www.iteco.be/IMG/pdf/Facilitando_oficinas.pdf

[1] Gestão do Ciclo de Projetos. Tearfund, 2020. Disponível em: https://learn.tearfund.org/pt-pt/resources/series/roots-guides/project-cycle-management--a-roots-guide

Guia de elaboração de pequenos projetos socioambientais para organizações de base comunitária. Instituto Sociedade, População e Natureza – ISPN. Disponível em: https://capta.org.br

Manual de Coordenação Umoja. Tearfund. Disponível em: https://learn.tearfund.org/pt-pt/resources/tools-and-quides/umoja

Manual de Facilitação Umoja. Tearfund. Disponível em: https://learn.tearfund.org/pt-pt/resources/tools-and-guides/umoja

[4] Manual de metodologias participativas para o desenvolvimento comunitário. Instituto ECOAR para a cidadania, Projeto Bacias Irmãs, Universidade de São Paulo, University York, Canadian International Development Agency. ECOAR, 2008. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/saude/ems/PDF%20DOS

%20PROGRAMAS/MANUAL DE METODOLOGIAS PARTICIPATIVAS.pdf

[5] Manual "Monitoramento Jovem de Políticas Públicas - MJPOP". Visão Mundial, 2010. Disponível em:

https://transforma.fbb.org.br/storage/socialtecnologies/216/files/Cart_Manual_15x21 cm_100910.pdf

Mapa de aprendizado. Alex Bretas. Disponível em: https://alexbretas11.medium.com/desafio-1-escolha-o-que-aprender-e-desenhe-um-mapa-9103d7a5cad6

Metodologia participativa: uma introdução a 29 instrumentos. Markus Brose (Org.), 2. ed., Porto Alegre: Tomo Editorial, 2010.

Novas visões sobre mudança ambiental: abordagens participativas de monitoramento. ABBOT, Joanne & GUIJT, Irene. Rio de Janeiro, IIED/AS-PTA, 1999, pp. 20, 59 -62.

[7]Planejamento participativo: como implementá-lo na educação profissional e tecnológica. Yoli Glenda da Silva Serrão, Maria Francisca Morais de Lima. – Manaus, 2019. Disponível em: https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/573284/2/Produto%20Finalmento%20Participativo%20com%20ficha%20catalografica.pdf

Roteiro de leitura da paisagem disponível em: Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico. CARVALHO, I.C.M, São Paulo: Cortez, 2004.

Sharing Nature – brincadeiras para se conectar com a natureza. Vídeos disponíveis em: https://www.youtube.com/playlist?
list=PLrHIImvmZ0veJsDFEFdjPLgUjwqLZmFkn

Sharing Nature – Vivências com a Natureza. Disponível em: https://www.sercriancaenatural.com/sharingnature

Trilha da vida: (re)descobrindo a natureza com os sentidos. Revista de Educação Ambiental da FURG. Ambiente & Educação, v. 5/6, p. 55-67, 2000/2001. Rio Grande, FURG.

Vivências com a natureza 1: guia de atividades para pais e educadores. CORNELL, Joseph. São Paulo: Aquariana, 2005.

Vivências com a natureza 2: novas atividades para pais e educadores. CORNELL, Joseph. São Paulo: Aquariana, 2008.